



SOBRE O TEMPO QUE PASSOU: A IMERSÃO NA PAISAGEM CIBERNÉTICA E O SURGIMENTO DE NOVAS TEMPORALIDADES E FORMAS DE PERCEBER O TEMPO

Mauro Meirelles¹

Introdução: As culturas e o tempo

Muitos são os trabalhos que se ocupam da noção de cultura como uma lente a partir da qual nós (educadores e antropólogos) realizamos uma leitura do mundo e buscamos contextualizar determinados fenômenos ou eventos no interior de determinado grupo social ou comunidade. Contudo, pouco tem-se avançado no sentido de se construir um conceito unívoco de cultura de modo que, como bem ilustra KUPER (2002), diversas são as formas como nós, antropólogos e educadores, nos relacionamos teoricamente com ela. Neste sentido, importa esclarecer que, neste artigo, nos utilizaremos o termo/palavra “cultura” enquanto um léxico substantivo dotado de um profundo caráter polissêmico e plural devendo-se, sempre, considerá-la em função de suas especificidades compósitas, as quais, condicionam historicamente nosso entendimento do mundo, de nós mesmos, de nossa cultura e de nosso duplo, o outro.

Isto posto, tem-se ainda que a forma como as mais diferentes culturas percebem o tempo e com ele se relacionam é diversa. O tempo cronológico, da máquina, do relógio, do calendário, assume, assim, um caráter único em cada cultura em função de uma meta-agenda histórico-cultural que valora/desvalora determinados usos e vivências do tempo. Exemplo disto é o modo como os calendários judaico, lunar e gregoriano assumem limites temporais diversos em função de diferentes referentes histórico-culturais tidos como elemento fundante de toda uma cosmogonia que dele deriva. O tempo objetivo é, portanto, o tempo-máquina, o tempo do relógio, é a hora de sessenta minutos, é, enfim, a hora de 3600 segundos.

Todavia, apesar de passível de uma medição objetiva, esse tempo, a hora de sessenta minutos, pode ser percebida de forma diversa por diferentes pessoas que compartilham um mesmo quinhão de 3600 segundos. Disto deriva que, uma mesma hora pode ser mais longa para aquele que estuda matemática ou química e que vê os ponteiros do relógio arrastarem-se rumo a hora fechada

¹ Licenciado em Ciências Sociais (IFCH/UFRGS), Mestre em Educação (PPGEDU/UFRGS) e Doutorado em Antropologia Social (PPGAS/UFRGS). E-mail: mauro-meirelles@hotmail.com



do que, a hora vivida por aquele que lê sua revista favorita ou está na praia e vê os ponteiros do relógio correrem de forma frenética rumo ao sexagésimo minuto, parecendo-nos que, essa hora teve muito menos que sessenta minutos. Curta ou longa, a hora continua a ser do mesmo tamanho e composta por 60 ciclos de 60 segundos, contudo, a forma como esse tempo é percebido é diversa e se relaciona a forma como nós o percebemos e nos relacionamos com ele. E assim, sem dantes nos firmamos em definições conceituais precisas, servimo-nos desses exemplos quotidianos para pensarmos o tempo e a forma como, nós, os modernos, para usar a terminologia empregada por LATOUR (2000), nos relacionamos com ele e o percebemos em função de diferentes referenciais semânticos que dotam esse tempo de uma temporalidade diversa que deixa de ser o tempo-máquina e torna-se o tempo vivido.

Agora, se formos mais adiante, e pensarmos em termos lexicais, o tempo assume no interior da linguagem, segundo RICOUER (1975), uma diversidade gramatical muito grande que se relaciona ao que poderíamos chamar de uma sintaxe do tempo, ou seja, a forma como esse tempo é utilizado, substantivado, subjetivado por aquele que o toma para si. Neste sentido, na esteira do exposto por esse mesmo autor, é consenso entre um bom número de autores, entre eles LARRE (1975), PANIKKAR (1975), BAUMER (1975), KAGAME (1975), NEHER (1975), PATTARO (1975) e GOUREVITCH (1975) que o tempo máquina é antes de mais nada, um tempo da linguagem, um tempo que se insere naquilo que é vivido no interior de uma determinada cultura, essa última, entendida, também, como plural e diversa.

O tempo vivido, o tempo em sala de aula, o tempo que vivemos é o “nosso tempo” e assume-se, quase sempre, como diacrônico e fora do claustro do tempo-máquina. É um tempo com duração perceptiva diversa, é o tempo do sujeito. Isto posto, tem-se que o tempo vivido pelo indivíduo só é inteligível dentro da cultura e da história que lhe deu origem, da “sua história”, da “história da sua comunidade” e a forma como este indivíduo se relaciona com o espaço em que vive e com o tempo, algo que, na antropologia, chamamos de uma etnografia da duração (ECKERT & ROCHA, 2000). Esse tempo, é um tempo que se configura na história, na linguagem e na forma como ele é vivido e dotado de sentido por aqueles que lhe consomem vorazmente os segundos, os minutos, as horas. Mas, para além desse tempo vivido há, também, o tempo da narrativa, o tempo do discurso, o tempo da palavra, o tempo das coisas ditas.

Exemplos dessa vivência diversa é a forma como o tempo cristão é narrado no velho e no novo testamento, ou ainda, como o tempo e a história são percebidos de forma diferenciada dentro da cultura judaica e muçulmana como bem mostram NEHER (1975) e PATTARO (1975). E, mais



recentemente, ainda ancorados em RICOUER (1994) diríamos que o sentido do tempo se dá a partir da produção de diferentes circuitos que têm na intriga seu enredo, seu elemento aglutinador. Neste sentido, é ilustrativo que parábolas cristãs só façam sentido dentre aqueles que possuem receptáculos culturais capazes de decodificá-los enquanto que, outras, caras a cultura oriental, só tenham sentido dentro de culturas milenares como a chinesa e/ou japonesa onde surgiram.

Desta constatação, depreende-se um duplo movimento, um no sentido daquilo que sabemos sobre o mundo, daquilo que nos é informado, que nos pré-figura e configura (mímese I) e, outro, no sentido daquilo que percebemos como produto final, como aquilo que se observa, que se conta, que se quer deixar ver, que se vive (mímese III). Todavia, nos falta o enredo, a narrativa que dá sentido aquilo que nos é contado, a intriga (mímese II). No tempo-máquina, aquele do vai-e-vêm do pêndulo do relógio temos a hora medida em intervalos de sessenta minutos (mímese I). No tempo subjetivo, vivido em horas curtas e/ou longas, temos o produto final dessa interação do indivíduo com a linguagem (mímese III). E, com isto, tem-se que, fora desse circuito e da cultura que lhe dá sentido (mímese II), essa vivência do tempo deixa de ter sentido e torna-se um significante vazio.

Algo semelhante ao que PATTARO (1975) pondera quando se ocupa do tempo cristão e afirma categoricamente que tais circuitos da mímese só fazem sentido na cristologia na medida em que, no seu interior, articula-se não só a interpretação do tempo cristico, mas também, outros tempos. Dito de outra maneira, é o próprio Cristo que faz do seu tempo a medida determinante ao estabelecer uma tensão entre o “já” e o “ainda não”, tensão esta, que impede que o futuro se transforme em uma simples memória de evento-chave. É assim que, o Cristo, no interior da história cristã realiza todo o passado e antecipa o futuro, através de marcações bem claras entre aquilo que está antes (A.C.) e depois (D.C.) da vinda do cordeiro de Deus à Terra.

E neste sentido, enganam-se aqueles que consideram que a utilização da vinda de um profeta ou salvador, este, tido como evento-chave de toda uma cronologia/calendário/forma de contar o tempo é uma exclusividade dos cristãos, uma vez que, em outras culturas, outros são os marcadores temporais que servem como forma de ordenar o tempo, como por exemplo, o ciclo da lua entre os índios norte-americanos, o período de cheia das águas entre os índios amazônicos e outras populações ribeirinhas, etc.

Outrossim, em tempos de uma modernidade-mundo em que nos tornamos senhores das máquinas, e também, seus escravos, assumimos uma nova forma de perceber o tempo e, não saímos de casa sem antes olharmos nossos e-mails e darmos uma olhada em algum portal de notícia, mas, fundamentalmente, e isso não podemos esquecer de levar: o nosso celular. E, novamente voltamos



ao A.C. e D.C., ao antes e ao depois do ciberespaço, onde nossa existência é revista e quotizada em pares binários e sequências numéricas únicas, a partir daquilo que GIBSON (1984) num de seus clássicos da ficção científica nomeia e define como ciberespaço.

1. Inaugurando um novo tempo: as novas tecnologias da informação e a nossa imersão na paisagem cibernética

Outrossim, tem-se que, maneira geral, o que hoje denominamos de novas tecnologias da informação e comunicação através de seu acrônimo NTICs nada mais é que um modo de nos referirmos a um conjunto de ferramentas e medias que a partir dos anos de 1960 passaram a fazer parte do cotidiano escolar e de políticas de governo relacionadas a formação de professores em serviço e/ou da alfabetização e formação de pessoas que, doutra forma, não teriam como chegar até uma escola regular. Exemplos recentes deste tipo de iniciativa são o TV Escola, o Telecurso 2000 e o PROINFO. Todavia, não nos ocuparemos aqui de todos os suportes hoje utilizados, os quais vão desde as antigas ondas de rádio até o uso de modernos satélites de comunicação e antenas de captação e transmissão de sinal para os mais longínquos lugares de nosso país. Mas sim da forma como essas novas tecnologias, em especial, o computador foram capazes de alterar nossa relação com o tempo e com o espaço.

Outrossim, sem me deter em um cronologia exata dos eventos nem em retomar tudo o que se falou ou pensou dos diversos suportes que hoje se fazem presente na educação, me ocuparei, pontualmente, nas mudanças que sua incorporação implicou tanto para aqueles que se utilizam desse suporte para produção de suas aulas como aqueles que delas fazem uso para seu aprendizado. Em princípio, podemos pensar essas mudanças como tributárias a forma como nos relacionamos com esses outros que emergem a partir do uso do Rádio, da Televisão e da Internet como suporte para o ensino e educação a distância: o outro co-presente mas não-visível; o outro visível mas nem sempre co-presente; e, o outro digital. Esse último, avatar e extensão de nosso eu, representação idealizada de nós mesmos na nuvem de zeros e uns que nós dá vida e forma ao maravilhoso mundo que surge a partir do clássico livro de GIBSON (1984)

2. Vivendo na paisagem cibernética: novos sujeitos e novas formas de perceber o mundo

E, assim, se aceitarmos de início que cada escolha on-line pode estar relacionada tanto as possibilidades de programação do ambiente quanto as possibilidades de compreensão da natureza do orientando, neste caso, a natureza humana do discente, é factível pensar sobre a estrutura desta



narrativa como também pedagógica. Ou seja, que no momento em que falamos deste “eu cibernético” não estamos, de forma alguma, negando o “eu real” deste sujeito, mas sim, considerando-o como parte constituinte da paisagem cibernética a partir daquilo que CSORDAS (2007) nomina como corpo socializado na paisagem. Contudo, educar é um ato político - e assim sendo é dotado de poder se pensado em termos de relações entre pessoas com capitais culturais e/ou parcelas de poder diferenciadas como enfocam em suas análises autores como BOURDIEU (2007) e FOUCAULT (2002, 1996), entre outros.

Mas Humberto Gessinger já nos lembrava no final dos anos de 1980 de que “toda forma de poder é uma forma de morrer por nada”. Algo semelhante ao que lemos em muitos manifestos de ciberpunks que nos cutucavam com seus slogans que, já em 1990, nos lembravam que por “trás de toda arquitetura informacional se esconde uma estrutura de poder”. Na literatura acadêmica também são muitos aqueles que nos lembram que é muito mais fácil reproduzir-se estruturas existentes do que produzir-se novas possibilidades a partir daquilo que já existe (BOURDIEU, 1982). No caso da Educação a Distância, isso não é diferente e acaba-se por se reproduzir em diferentes arquiteturas e/ou desenhos instrucionais que nos são apresentados dia após dia, as mesmas propostas pedagógicas de cunho meramente procedimental, processualista e/ou bancário que, na maioria das vezes, reproduzem modelos e perspectivas de ensino existentes nas modalidades convencionais de ensino.

Todavia, não podemos aqui, apenas colocar a cruz sobre os ombros dos professores que atuam e trabalham nesta modalidade de ensino, nem, tão somente nas linhas de programação escritas pelos desenvolvedores que transformam bits e bytes em paisagens cibernéticas cada vez mais elaboradas e dinâmicas, mas que, em grande parte, partem de pressupostos pedagógicos que já se mostraram ineficazes na modalidade presencial, pois, estes, estão, em sua maioria, presos a concepções pedagógicas impostas de cima para baixo por gestores públicos e agências de fomento que normatizam aquilo que é considerado como sendo eficaz e passível de resultados plausíveis e, portanto, financiáveis por parte do Estado. Subverter esta estrutura fortemente hierárquica não é tarefa fácil e são muitos os desafios que se impõem aqueles que possuem tal intento. E, com certeza, o primeiro deles é o de pensar essa nova relação entre o espaço e o tempo.

3. Pensando o espaço e o tempo em tempos de cibercultura

Se o tempo-máquina difere daquele que é percebido pelo sujeito e assume um caráter subjetivo quando percebido pela ótica daquele que consome esse tempo, que vive os segundos de



aguardo de uma resposta que muitas vezes parecem horas, ou as noites que mal fecha os olhos e acorda depois de horas com a sensação que poucos minutos passaram, tem-se que, em si, sua relatividade depende da intensidade da experiência e quão esta experiência é capaz de apresentar-se ao sujeito como um fato social total (MAUSS, 2003). Neste sentido, pensar o tempo enquanto um fato social total implica em compreender a lugar que determinadas atividades quotidianas, sejam elas rituais ou não, ocupam no quotidiano das pessoas que estão sob seu jugo.

Em nossa sociedade contemporânea é exemplar o espaço que ocupam algumas datas comemorativas, tais como o Ano Novo, o Natal, a Páscoa, o Dia dos Namorados, o Carnaval, etc., os quais, em diferentes lugares do Brasil e do mundo assumem diferentes graus de totalização. Isso, algo que também podemos observar a partir de meados dos anos de 1990, em nosso quotidiano, quando o uso de computadores pessoais, laptops e celulares impôs um novo estilo de vida a um grande número de pessoas.

Neste sentido, o que quero mostrar com isso, e aqui usei-me de algumas datas comemorativas comuns a cultura ocidental é que, dependendo do “marcador” ou “referente” que utilizemos e da cultura a que nos referimos, este, terá maior ou menor incidência e significado de modo que, possuirá maior ou menor alcance dependendo dos condicionantes históricos e do lugar que, por exemplo, o cristianismo, ocupa em sua cosmogonia. Da mesma forma, se seguirmos essa linha de pensamento e pensarmos o indivíduo como socializado na e pela paisagem (CSORDAS, 2007) veremos que ao mesmo tempo em que este produz a cultura é, também, produto dela. E, desta forma é correto afirmar que, enquanto comunidade de sentido (BACZKO, 1985), todos aqueles que convivem e se utilizam dessas diferentes tecnologias, de alguma forma, seja em menor ou maior grau, estão a ela “conectados” e sofrem seus efeitos, de estar “In-Line”, “On-Line” ou “Off-Line”.

Mas, em tempos de cibercultura, estar off-line é praticamente impossível. Instant Messengers e aplicativos de e-mail pululam em todo tipo de celular produzido nos últimos dois anos. Compras realizadas com cartão de crédito e/ou movimentos bancários podem ser monitorados pela tela do celular através de mensagens de texto enviadas pela sua operadora de cartão ou banco a cada nova movimentação, assim como, através de seu celular, também, é possível acessar a internet e fazer movimentações em sua conta sem, ao menos, ter acesso a um PC. E, de fato, com a atual base de celulares que, hoje, no Brasil, supera o número de telefones fixos, é praticamente impossível não estar “In-Line”, a não ser que “você esteja fora da área de cobertura” ou com “o aparelho temporariamente desligado”.



Mas, se por um lado, a estratégia do “In-Line” é compulsória e não nos dá outra opção que não seja uma saída radical, de não ter um aparelho celular e/ou de optar por estar com ele desligado, por outro, escolher entre estar “On-Line” e “Off-Line” é uma questão de escolha, de recursos e de adesão à novas tecnologias e dispositivos que, a cada quatro meses, são despejados no mercado através de campanhas massivas nos mass-media, mas principalmente entre o público jovem. Essa nova geração, também chamada de Geração X, as quais se sucederam as Gerações Y e Z. Mas, são esse dois últimos segmentos em específico que aqui nos interessam. Os primeiros ligados a chamada Geração Y se refere aqueles jovens nascidos entre o início dos anos de 1970 e meados de 1990 que, em sua maioria, presenciaram grandes mudanças no seu cotidiano com o surgimento dos primeiros computadores pessoais, dos CDs, dos DVDs, dos celulares, da Internet, etc. Os segundos nascidos entre o início dos anos de 1990 e meados de 2000, pertencentes ao que se convencionou chamar na Sociologia de Geração Z, em sua maioria essa não concebem o mundo sem a existência de computadores, chats e telefones celulares. De uma maneira geral, estes últimos, são menos deslumbrados com a tecnologia do que os da Geração Y e sentem-se à vontade fazendo mil coisas ao mesmo tempo, tais como: ver televisão, ouvir rádio, falar ao telefone, ouvir música e acessar a internet, entre outras. Pensam rápido e de forma complexa, além de, possuírem pouco apego as fronteiras geográficas, de modo que, se colocam muitas vezes como cidadãos do mundo.

Os da Geração X têm hoje entre 20 e 40 anos e estão entrando no mercado de trabalho, trabalhando em empresas, pesquisando em universidades e usando o que de melhor a tecnologia têm a lhe oferecer: comodidade, rapidez, conforto. O preço é caro, o horário de trabalho estende-se através de ambientes corporativos e da necessidade de se estar sempre “In-Line” com seu “BlackBerry” ou “iPhone”. Seus filhos, estes pertencentes a Geração Z, têm hoje entre 5 e 20 anos de idade e usar a internet, ouvir e baixar música digital é para eles uma realidade de modo que, muitos nem chegaram a ver ou conhecer um toca-discos ou uma máquina de escrever, muito menos, usar o serviço de correio para enviar uma carta a um amigo, uma vez que, estes, nasceram já usando os serviços de correio eletrônico e disco virtual do Yahoo, ao mesmo tempo em que, faziam suas pesquisas usando o Altavista e o Cadê. Isso tudo, a menos de 10 ou 12 anos atrás, quando o Google era apenas uma idéia na cabeça de dois jovens que trabalhavam numa garagem no Vale do Silício. Enfim, o tempo passa, as coisas mudam e adaptar-se a elas é uma questão de sobrevivência.



Considerações Finais

Assim, temos que, cada vez mais, a partir de um mesmo dispositivo, uma pluralidade de serviços podem ser acessados alterando significativamente o modo de vida e a forma como as pessoas, mas principalmente os jovens das gerações Y e Z, se relacionam com o tempo e com o espaço na medida em que, um ônibus, um avião, o bar da faculdade ou aquele perto de sua casa passa a ser, também, seu escritório, a partir do qual este jovem acessa seus e-mails através de uma conexão wi-fi ou 3G, interage em diferentes redes sociais, troca mensagens de texto, assiste vídeos no youtube, coloca fotos no ar, etc. O mesmo acontece nas salas de aula do ensino médio, onde, ao mesmo tempo em que assistem as aulas, estes, estão acessando a internet, ouvindo música, postando no Orkut e/ou no Facebook, trocando mensagens de texto, etc. - tudo isso, a partir de seu aparelho celular.

Deste modo, o celular, assim como o computador, hoje, assume um lugar importante no cotidiano do homem moderno, mas principalmente no interior do universo jovem, ao ponto de, alterar, significativamente, a relação destes com o tempo e com o espaço pois, este, pode, na atualidade, a partir de um mesmo dispositivo, fazer-se coisas que antes tinham que ser feitas em separado e a partir de diferentes dispositivos de hardware. Na educação a distância, ou entre aqueles da educação presencial que usam de alguma forma o computador no seu cotidiano isso não é muito diferente e já se fala inclusive em plataformas de ensino voltadas para dispositivos móveis.

Outrossim, diante do exposto temos que, assim como os diferentes marcadores culturais e religiosos que citamos anteriormente, o computador e o celular são, em nossos dias, dois artefatos tecnológicos que impõem ao homem moderno um novo modo de vida, onde, este, é obrigado a escolher entre estar “On-Line” ou “Off-Line”. O grau de imersão dele na paisagem cibernética dependerá somente de sua escolha e do quanto ele estará “On-Line”.

Bibliografia

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: ROMANO, Ruggiero (org.). **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985. v. 5.

BAUMER, Bettina. Apêndice: A percepção empírica do tempo. In: RICOUER, Paul (Org.) **As Culturas e o tempo: estudos reunidos pela Unesco**. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Editora da USP, 1975, p. 95-101.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.



- BOURDIEU, Pierre. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editor, 1982.
- CSORDAS, Thomas. **CorpoSignificadoCura**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.
- ECKERT, Cornélia & ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. “Imagens do tempo nos meandros da memória: por uma etnografia da duração”. IN: **Revista Iluminuras**, V.1, n.1. Porto Alegre: UFRGS/PPGAS, 2000.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: o nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- GIBSON, William. **Neuromancer**. São Paulo: Aleph, 1984.
- GOUREVITCH, A. Y.. O Tempo como problema de história cultural. In: RICOUER, Paul (Org.) **As Culturas e o tempo: estudos reunidos pela Unesco**. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Editora da USP, 1975, p. 263-283.
- KAGAME, Alexis. A percepção empírica do tempo e a concepção da história no pensamento bantu. In: RICOUER, Paul (Org.) **As Culturas e o tempo: estudos reunidos pela Unesco**. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Editora da USP, 1975, p. 102-135.
- KUPER, Adam. **Cultura: a visão dos antropólogos**. Bauru: EDUSP, 2002.
- LARRE, Claude. A percepção empírica do tempo e a concepção da história no pensamento chinês. In: RICOUER, Paul (Org.) **As Culturas e o tempo: estudos reunidos pela Unesco**. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Editora da USP, 1975, p. 41-72.
- LATOUR, Bruno. **Jamais Fomos Modernos**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- NEHER, André. Visão do tempo e da história na cultura judaica. In: RICOUER, Paul (Org.) **As Culturas e o tempo: estudos reunidos pela Unesco**. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Editora da USP, 1975, p. 176-196.
- PANIKKAR, Raimundo. Tempo e História na tradição da Índia. In: RICOUER, Paul (Org.) **As Culturas e o tempo: estudos reunidos pela Unesco**. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Editora da USP, 1975, p. 73-94.
- PATTARO, Germano. A concepção cristã do tempo. In: RICOUER, Paul (Org.) **As Culturas e o tempo: estudos reunidos pela Unesco**. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Editora da USP, 1975, p. 197-228.
- RICOEUR, Paul. “Tempo e narrativa. A tríplice mimese”. In: RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo I, Campinas, Papirus, 1994, p. 85-131.
- RICOEUR, Paul. “Introdução”. In: RICOUER, Paul (Org.) **As Culturas e o tempo: estudos reunidos pela Unesco**. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Editora da USP, 1975, p. 15-40.